

SILVIA
FINKELSTEIN
RAWET

*Bacharel em
comunicação social,
mediadora, terapeuta
de família e casal*

GENTE EXTRAORDINÁRIA

O filme “Lixo Extraordinário” de João Jardim, Lucy Walker e Karen Harley concorreu ao Oscar de melhor documentário em 2011 e ganhou prêmios em diversos festivais desde seu lançamento em 2009. O filme inicialmente nos convida ao cenário de Jardim Gramacho, bairro periférico de Duque de Caxias, onde está localizado um dos maiores aterros sanitários controlados do mundo, para acompanhar a proposta do artista plástico brasileiro Vik Muniz de trabalhar com os catadores de materiais recicláveis do local.

As imagens do “lixão”, a presença humana, chocam. O ritmo, as cores e as sensações nos envolvem num mundo que nem sequer acreditamos possível, um lugar para onde vai o que ninguém mais quer, o dejetado, o rejeitado, aqueles para quem aparentemente não sobrou nada além do resto do resto.

A humanidade nesse hábitat é quase inacreditável. A reciclagem remete à conectividade e à ecologia. É inevitável, o lixo nos toca e esse movimento e essa gente misturada ao lixo causa forte incômodo e comove. O filme prenuncia o contato com um universo que habitualmente evitamos.

No entanto, **o olhar curioso e o mergulho visceral** do artista no projeto de fazer arte a partir do material reciclável catado no lixão de Jardim Gramacho, juntamente com os catadores que são o fator humano desse “fim de linha” pelas próprias palavras dele, nos conduzem rumo a vários **encontros com o belo, a inspiração e a esperança**.

O processo de **reconhecimento do contexto**, entendendo-se aí os **contatos e convites** feitos para integrar o projeto e a criação em si seguida da realização das obras, denota a proposta do artista de trabalhar a partir da **conexão** com as pessoas.

Essa conexão **gerou os relatos** que testemunhamos e uma surpreendente interação entre o mentor – artista personagem – Vik Muniz e as pessoas-catadores-personagens.

Vik demonstrou espontaneidade e **disponibilidade** e ofertou nessas interfaces uma qualidade de **presença**.

O espectador também participou um tanto da história pessoal de Vik e suas **motivações íntimas** e o seu **olhar para tantas possibilidades**, para quem os limites talvez não passem apenas de uma dimensão da estética. A vinculação das pessoas ao projeto e à equipe de produção remeteu todos os envolvidos a um **processo reflexivo**, aos **sentidos e significados de suas vidas e do seu trabalho, suas perspectivas de futuro...**

Novos sentidos, novas visões deram vida a um mosaico das antes excluídas pessoas e coisas. **Assistimos emocionados a um processo regenerativo e transformativo que propiciou o resgate da autoconfiança e da realização**.

Enfim, entre 2007 e 2009 e ao longo da produção das obras de arte, os catadores e Vik Muniz, assim como a equipe do artista, se relacionaram intensamente e transformações se produziram nas vidas e nas visões de mundo dos participantes do projeto.

De que forma somos responsáveis ou corresponsáveis nos processos em que estamos envolvidos direta ou indiretamente? Como vamos nos posicionar? Como vamos agir? Como vamos falar a respeito? Qual o efeito dessa nossa expressão?

Quando esse momento de questionamento surgiu no filme me pareceu muito interessante; não é esse um questionamento constante em nossas práticas construcio-

nistas pós-modernas, refletir o para que de nossas intervenções? O como estamos desempenhando nossos papéis?

A beleza desse documentário já excepcional no seu valor artístico e estético está na sensibilidade que norteou todas as relações, o cuidado nos diálogos, o respeito à linguagem e ao contexto do outro e à curiosidade sempre presente.

Como disse Muniz, de perto se vê o material, referindo-se às obras de artes expostas nos museus, e foi assim que vimos as pessoas – personagens; de perto, conhecemos o material humano, não apenas uma imagem ou uma ideia; nesse documentário, chegamos muito perto da alma das pessoas. Nesse processo em que as pessoas ganharam voz e mostraram a sua cara, ao verem seus contornos, se encantaram e **puderam se ver de outra perspectiva**.

Nesse jogo de se ver de longe e de perto, sobretudo de serem vistas, puderam **se reconhecer qualificadas**. A metáfora do lixo é muito emblemática para pensar sobre sua representação social e os estigmas a ele relacionados. O que poderíamos fazer com nosso lixo interno? Separar o que serve e o que não serve para começar; o que me ajuda? O que me paralisa? Desafiar-nos a encontrar no meio da confusão, uma visão diferente, outro enfoque e recomeçar de algum ponto talvez? Reciclar as ideias, pensar naquilo que está automatizado, dado. Quantos perigos?

Segui muito tempo depois de assistir ao filme refletindo o “Lixo”. Ele tem essa qualidade instigante. Ousei alguns destaques em negrito porque observei que algumas descrições do que pretendemos em nossas atividades profissionais poderiam coincidir com eles. Esse filme requer muita plateia.